Tic tac: regressiva para não esquecer

» FAUSTO JOSÉ
Jornalista, membro-fundador da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira-DF), escritor e ator

Viver não é tão fácil assim, quando se é PPP — preto, pobre e periférico. Só o rap para nos aliviar a dor, a lágrima, o sangue que escorre e mancha o chão da alma. Articulado e destemido, o movimento alterou o comportamento criativo de todos os segmentos artísticos populares do mundo. A estética, a literatura, o cinema, o teatro, a moda, a ópera, as artes plásticas, a dança, a televisão... tudo mudou com as bases, os traços e as rimas do rap. Tic tac.

Música preta de parto e essência, nasceu periférico, marrento e orgulhoso, no Bronx, subúrbio de Nova York, nos Estados Unidos. Espalhou-se pelo mundo para dar voz aos amordaçados e amaldiçoados. No Brasil, a novidade rítmica chegou aos becos, vielas, pracinhas, associações comunitárias, inicialmente das capitais e depois a se espalhar por todos os espaços.

DJ Hum, Thayde, Mc Jack e Código 13... puxaram a fila a partir de São Paulo. Espalharam o novo swing pelas noites, pelas associações comunitárias das periferias, ocupações culturais, botecos. As associações de bairros mais distantes dos centros urbanos absorveram os Djs segurando a bolacha como se fossem impávidos e soltando-as num ato divinal. Trilha sonora de um filme real. E, Sabotage coloca o debate da luta de classes na efervescência social dos anos 80. Tic tac.

Dolorosamente, as pick ups dos DJs compuseram as mais asfixiantes trilhas sonoras das últimas três décadas. Daqui a menos de dois meses, completam-se 30 anos da mais violenta carnificina urbana brasileira. Em 2 de outubro de 1992, a Polícia Militar paulista praticou uma das maiores violações à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Agindo como milícia sanguinolenta, insana e inconsequente, cometeu a maior carnificina da história contemporânea. Há datas que a gente nunca esquece. Daqui a quatro meses, mais uma vez, a humanidade lamentará a morte de 111 vítimas de uma das maiores monstruosidades praticadas pelo homem: o massacre do Carandiru.

Nove meses depois, em 23 de julho de 1993, policiais militares do Rio de Janeiro disparam contra um grupo de meninos, meninas e adolescentes em situação de rua nas escadarias da Igreja da Candelária deixando oito menores mortos e dezenas feridos. E, no mês seguinte, em 29 de agosto, policiais fortemente armados e encapuzados fuzilaram 21 pessoas na comunidade de Vigário Geral. Centenas de almas penadas vagando sem eira nem beira pela escuridão ardente do inferno. É como se não houvesse nem céu e nem chão. Famílias destroçadas vagando sem eira nem beira em estado de choque. Tic tac.

O rap já havia se estabelecido como trilha sonora daquele momento, mas seria a acidez das lágrimas inconsoláveis de agonia que brotaria da profundeza oca dos olhos órfãos para pedir a revanche através da arte. Gente preta sem eira nem beira com a lâmina da faca cravada no coração. Em 1997, os Racionais MC's lançam e emplacam o CD Sobrevivendo no inferno, que chacoalha o mercado fonográfico, estabelece novos padrões comportamentais e consolida o hip hop no Brasil. Uma nova rede de pequenos negócios periféricos se multiplica para além dos centrinhos badalados e corredores da moda.

O gênero que já havia se espalhado pelo mundo, se multiplica pelo cenário brasileiro. O gênero passou a dar novo sentido à sobrevivência no país. Por exemplo, o raper Rapadura reverencia o Ceará misturando a música tradicional do Estado com batidas de vanguarda; na Bahia, Opanijé, pede licença aos orixás e faz suas bases inspiradas na macumba; no Distrito Federal, Japão-Viela 17, entoa a melancolia nervosa do jovem desassistido. Na Baixada Santista, o Zona de Atack estaqueia as bases nervosas do ritmo. A poesia cantada que havia tomado as programações musicais influencia a própria poesia literária.

Os escritores Nelson Maca, da Bahia e o mexicano radicado no Brasil, Alejandro Reys revestem seus textos com as armaduras do rap. Aí, implacavelmente, o gênero chega às universidades. Por exemplo, o professor Acauam Silvério de Oliveira, da Universidade de Pernambuco, passa a ilustrar suas aulas referindo-se ao rap como o estilo poético mais vigoroso da virada do século e o sociólogo e economista português Boaventura de Souza Santos proclama Brasil com P, do GOG, como um dos textos mais criativos e consistentes do gênero.

Tic tac tic tac-tic tac… buuuummmmmmm.

A liberdade da cidadania, o novo caminho da identidade brasileira

» EDUARDO LACERDA
Diretor de Identificação Civil da Secretaria-Geral da Presidência da República

Há quase 40 anos, a Lei 7.116/83 instituiu o documento Carteira de Identidade no Brasil e iniciava, assim, a sua sistemática. Um registro a ser expedido pelos entes federados — por motivos óbvios de políticas públicas e atendimento do indivíduo — mas que possui o condão de ter fé pública — o que se afirma ser autêntico e verdadeiro — e válido por toda extensão do território brasileiro. Um instrumento de cidadania que o cidadão possa portar e garanta a sua unicidade no Brasil, independentemente de qual ente federado o emita.

Ponto importante, essa lei carecia de diversas atualizações para ajustar-se a um sistema moderno de identificação, razão para existir uma carteira de identidade válida em todo território nacional. Nessas quase 4 décadas, verificou-se a fragmentação no procedimento de identificar e comprovar a identidade de uma pessoa natural. Os Órgãos de Identificação Estaduais, sem uma metodologia e um modelo de documento nacional, resolveram, por si só, adotar seus meios. Diversos outros segmentos, públicos e privados, resolveram, também, seguir uma linha própria para comprovar a identidade de um cidadão. Diversas leis foram estabelecidas, criando diferentes documentos de identificação civil.

Essa errática fragmentação produziu no Brasil o maior portfólio de bases de identificações nacionais do mundo. E, por perceptível realidade, produziu um sistema de fraudes, principalmente por falsidade ideológica, burocracia, filas, vazamento de dados e custos que atingem o cidadão brasileiro de bem. Oras, por infausta consequência, como as políticas públicas reconhecem que um cidadão é quem diz ser? Como confiar na identidade apresentada para proporcionar acesso ao crédito? Nessa cisão brasileira a resposta é burocrática e custosa, visto a falta de confiança no sistema de identificação. Para além de um problema de segurança pública, tornou-se um embaraço social e econômico.

Passados quase 40 anos da lei de 1983, em vez da criação de um ordenamento jurídico, com um novo documento e uma nova base, veio a modernização de todos esses elementos e atores que compõem o cenário atual da identificação do país. Modernização que está atrelada à integração, comunicação, facilitação, desburocratização, eficiência, transparência e proteção de dados.

Dois pilares foram estabelecidos, com foco integral em diminuir fraudes e favorecer o dia a dia do cidadão, sem elevar seus custos. Por causa do funcionamento da administração pública, esses foram positivados em dois atos infralegais. Os Decretos 10.900/21 e 10.977/22 iniciam uma jornada de organização do tema na administração pública federal e na expedição da Carteira de Identidade Nacional, trazendo ao Brasil o que a legislação exige, com brutais benefícios a toda nossa sociedade. Ganhos que serão sentidos da partida até as próximas décadas. Custos sendo reduzidos, ano após ano. Confiança sendo gerada, ano após ano.

Conhecido como RG, a mudança faz que o país deixe de ter um dos piores documentos de identidade do mundo, em termos de segurança, para ser um dos melhores do mundo. Os mais modernos elementos estarão inseridos na versão física da carteira, tanto em papel, quanto em cartão. Ela passa a contar também com um modelo digital, gratuita para todos os cidadãos. Além disso, a carteira passa a respeitar integralmente os requisitos de um documento de viagem, podendo ser usada, a depender dos acordos estabelecidos, em postos imigratórios, e possui uma organização dos dados que facilita a sua conferência fora do país.

Possui o indicativo para pessoas naturais com necessidade especiais e pode aportar números de outros documentos. E o número CPF passa a ser o número do registro geral da carteira, extinguindo-se o número RG estadual. Por trás de toda essa engenharia? Todos os estados do país e o governo federal integrados sob o mesmo procedimento de identificação, unidos pelo Serviço de Identificação do Cidadão (SIC), como se fossem um. Como, ab initio, deve ser um processo de identificação. Único. É um dos maiores projetos de identificação do mundo.

Não é fácil. Não é simples. Não é trivial. Exige um empenho de gestão e técnico do tamanho do país. E esse esforço será feito. O caminho é claro e as vantagens são portentosas. Libertar nossos serviços das fraudes e da burocracia por meio de uma identidade moderna é uma missão. O objetivo é único: melhorar a vida do cidadão brasileiro.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Não é carta, estúpidos. É a economia

De acordo com o Banco Central, o mais credenciado porta-voz das finanças deste país, há sinais fortes e consistentes de que a economia nacional está entrando em espiral de crescimento, com o Produto Interno Bruto (PIB) experimentando uma variação positiva, saindo de uma previsão pessimista de zero para uma nova projeção em torno de 2,05%. Trata-se de um salto para frente que vem surpreendendo muitos economistas, mesmo do governo. Quem, no entanto, parece desanimado com esses novos números é o pessoal que cuida dos programas econômicos dos candidatos da oposição. A recuperação econômica caiu sobre essas equipes como um balde de gelo e já provoca reflexos também nos números apresentados pelas pesquisas de opinião, que mostram agora um crescimento acentuado na confiança no atual presidente.

Há muito, os historiadores e outros sociólogos constataram que o povo ou a vontade popular imanente só é abalada, de fato, pelo fator fome. A fome e suas irmãs siamesas a miséria e a escassez têm sido, ao longo da existência humana, o moto-perpétuo das revoluções, tudo dentro de uma antiga noção fatalista: se vamos morrer mesmo de fome, lenta e dolorosamente, melhor então morrer logo por um ferimento de bala, instantâneo e decisivo. Em outras palavras, o que leva o povo a lutar nas ruas é seu instinto mais selvagem de preservação, herdado ainda dos tempos da caverna. Nesse caso, se a recuperação da economia continuar nesse passo ascendente, com a diminuição nos preços dos alimentos, as chances de retorno ao passado são bem menores.

Em 1993, George Bush, então presidente dos Estados Unidos, era o favorito, quase absoluto para se reeleger. Sua recondução ao cargo era quase certa. Havia apenas um detalhe entre sua nova vitória e a realidade. Naquele período, os EUA enfrentavam uma preocupante recessão econômica, agravada pela guerra do Golfo. Foi num cenário assim que o marqueteiro James Carville, trabalhando para um desconhecido e pouco popular candidato do Arkansas, de nome Bill Clinton, instigou-o a bater em seu adversário, tendo como mote a recessão, que inquietava os americanos. Com a frase: "É a economia, estúpido", dirigida a Clinton, Carville ensinou o caminho das pedras que levou seu cliente para a Casa Branca.

De fato, não há como negar, a população brasileira, assim como outras e outras partes do planeta, enxergam as eleições como uma feira, onde os clientes acabam sendo atraídos para a banca, onde o feirante promete mais vantagens e preços melhores. O resto é prosa ou prosopopeia. Nesse sentido, cabe a discussão sobre a chamada Carta em Defesa da Democracia, um libelo que serviu como elemento aglutinador das oposições ao atual governo e acabou se transformando em propaganda das oposições.

Os marqueteiros desse documento esqueceram de substituir as frases de efeito e de retórica, por um programa econômico e realista, capaz de empolgar as massas. O povo não se interessa por libelos, sejam de esquerda ou direita. O libelo do povo está nas gôndolas dos supermercados, recheados de produtos de boa qualidade e a preços honestos, acessíveis e baixos. Fica aqui a lembrete: é a economia, estúpidos.

» A frase que foi pronunciada

"Tenho paciência e penso: todo o mal traz consigo algum bem."

Ludwig van Beethoven

Peça rara

» Andando por uma livraria, nossa sugestão é que compre *Faíscas Verbais*, de Márcio Bueno. O jornalista faz um compilado histórico surpreendente a cada linha. Diverte e instrui.

Cidadania

» Sugestão da leitora Petra Fortes é humana e de importância vital. Não é justo que o pessoal da reciclagem, responsáveis por uma cidade ecologicamente correta, fique abrindo sacos de lixo para retirar entre restos de comida, as garrafas PET, papelões ou latas de alumínio. A cena corriqueira poderia ser evitada se os cidadãos tivessem compaixão no momento de separar o lixo.

Sem condições

» Ainda sobre recicláveis, nos escreve de Águas Claras o leitor Renato Mendes Prestes que observou o estado crítico dos veículos coletores de lixo reciclável transitando naquela região administrativa, diz o leitor: "Sem as mínimas condições de segurança, sem lanternas, pneus carecas e reboques impróprios para cargas. Sua maioria, praticamente sem condições de trafegar. Afora, que os catadores usam o teto e a parte traseira externa do veículo para o acondicionamento de volumosas cargas, colocando em risco os carros que transitam atrás, ao lado ou à frente". Cadê o Detran?

» História de Brasília

Jânio no Brasil. Deus que ilumine os nossos líderes e que nos proteja contra dias de revolução, de agitação. O país já progrediu demais. Falta progredir politicamente.
(**Publicada em 8/3/1962**)